

DOUTOR SONO

STEPHEN KING

DOCTOR SONO

Tradução de
ANA LOURENÇO e MARIA JOÃO LOURENÇO



BERTRAND EDITORA

Lisboa 2016

Quando eu tocava a minha guitarra ritmo favorita num grupo chamado Rock Bottom Remainers, Warren Zevon juntava-se muitas vezes a nós. Warren adorava *t-shirts* cinzentas e filmes do género *O Reino das Tarântulas*. Ele queria à viva força que eu improvisasse enquanto solista no clássico «Werewolves of London», durante as repetições a pedido do público. Pela minha parte, respondia-lhe sempre que não estava à altura, mas ele insistia. «Experimenta um acorde em Sol maior», incitava-me Warren, «e uiva como um lobo. Mais importante, toca como o Keith.»

Posso nunca conseguir tocar como Keith Richards, nem de perto nem de longe, mas dei sempre o meu melhor, com Warren ao lado, acompanhando cada nota e rindo-se como um perdido.

Warren, este uivo é para ti, onde quer que estejas. Sinto a tua falta, amigo.

«Atingimos um ponto de viragem decisivo. Meias-medidas
de nada adiantam.»

O Grande Livro dos Alcoólicos Anónimos

«Se queríamos viver, tínhamos de nos livrar da raiva (...) aquele
discutível privilégio dos seres humanos normais.»

O Grande Livro dos Alcoólicos Anónimos

ASSUNTOS PRELIMINARES

FEAR é *um acrónimo de «fuck everything and run»*.

VELHO DITADO DOS ALCOÓLICOS ANÓNIMOS

COFRE DE SEGURANÇA

1

No dia dois de dezembro, num ano em que um plantador de amendoins da Geórgia mandava nos destinos da Casa Branca, um dos grandes hotéis de veraneio do Colorado ardeu até ficar reduzido a cinzas. O Overlook foi considerado irremediavelmente perdido. Após a investigação, o chefe dos bombeiros do condado de Jicarilla anunciou que a causa ficara a dever-se a um defeito na caldeira. O hotel estava fechado para a temporada de inverno quando ocorreu o acidente, e apenas quatro pessoas se encontravam presentes no local. Três conseguiram sobreviver. John Torrance, o vigilante responsável pela época baixa, morreu durante uma tentativa, tão heroica quanto inglória, de reduzir a pressão do vapor na caldeira, que atingira níveis elevadíssimos devido a um defeito na válvula de escape.

Dois dos sobreviventes foram a sua mulher e o filho pequeno do casal. O terceiro foi o cozinheiro do Overlook, Richard Hallorann, que abandonara o seu trabalho sazonal na Florida para se juntar aos Torrance, a fim de confirmar o «forte pressentimento» (para usar as suas próprias palavras) de que a família se encontrava em dificuldades. Os dois sobreviventes adultos ficaram feridos com bastante gravidade na sequência da explosão. Apenas a criança escapou ilesa.

Fisicamente, pelo menos.

2

Wendy Torrance e o filho foram indenizados pela empresa proprietária do Hotel Overlook. A quantia, longe de atingir valores astronômicos, garantiu a sua sobrevivência durante três anos, uma vez que Wendy se viu impossibilitada de trabalhar devido a problemas de coluna. O advogado consultado na altura disse que, se a mãe estivesse na disposição de resistir e ir à luta, receberia uma soma significativamente maior, dado que a empresa desejava a todo o custo evitar um processo em tribunal. No entanto, tal como Wendy, também os empregadores do seu marido estavam desejosos de esquecer aquele desastroso inverno no Colorado. Ela pensou que com o tempo acabaria por recuperar, e assim foi, apesar de as dores nas costas terem continuado a atormentá-la até ao fim da vida. As fraturas nas vértebras e nas costelas curam-se, mais cedo ou mais tarde, mas deixam moosa.

Durante uma temporada, Winifred e Daniel Torrance assentaram raízes na região do centro-sul, antes de se mudarem para Tampa. Volta e meia, Dick Hallorann (o tal dos «pressentimentos fortes») abandonava Key West e ia por ali acima fazer-lhes uma visitinha. Sobretudo para passar tempo com o pequeno Danny. Os dois tinham uma forte ligação.

No início de uma manhã de março, em 1981, Wendy telefonou a Dick e perguntou-lhe se poderia ir ter com eles. Nessa noite, contou ela, Danny acordara-a, pedindo-lhe que não entrasse na casa de banho.

Depois disso, fechara-se num mutismo absoluto.

3

O rapazinho acordou com vontade de urinar. Lá fora, o vento soprava com violência. Estava calor — como quase sempre na Florida —, mas ele não gostava daquele som, e palpitava-lhe que nunca gostaria. Trazia-lhe à memória o Overlook, onde a caldeira defeituosa representara o último dos perigos.

Viviam os dois num minúsculo apartamento, ele e a mãe, no segundo andar. Danny abandonou o quarto pegado ao da mãe e atravessou a salinha. Uma rabanada de vento agitou as folhas da palmeira moribunda que se erguia ao lado do prédio. O som fazia lembrar ossos contra ossos. Tinham por hábito deixar a porta da casa de banho aberta quando não estava ninguém a usar o chuveiro nem a retrete, dado que o fecho estava partido. Na dita noite, a porta encontrava-se fechada. Mas isso não acontecia porque a mãe estivesse lá dentro. Na sequência dos ferimentos no rosto que sofrera no Overlook, Wendy passara a rressonar, produzindo uma espécie de sopro, um débil pipilar que chegava aos ouvidos de Danny vindo do quarto dela.

Bem, deve ter fechado a porta sem querer, foi só isso.

No fundo, sabia que não, mesmo naquele momento (ele próprio era dado a fortes pressentimentos e interessantes intuições), mas por vezes convinha verificar. Volta e meia, era preciso ver com olhos de *ver*. Isso fora uma coisa que ele tinha aprendido na pele, naquele quarto do segundo andar do Overlook.

Esticando o braço que pareceu demasiado comprido, demasiado elástico, demasiado *desossado*, fez girar a maçaneta e abriu a porta.

À sua frente encontrava-se a mulher do quarto 217, como ele sabia que aconteceria. Sentada na retrete, nua, com as pernas afastadas e as coxas pálidas e arqueadas. Os seios esverdeados pendiam como balões vazios. A mancha de pelos no baixo-ventre era grisalha. Também os olhos, cinzentos, pareciam espelhos feitos de aço. A mulher viu-o e os seus lábios contraíram-se num esgar malicioso.

Fecha os olhos, aconselhara Dick Hallorann em tempos. Sempre que vires uma coisa má, fecha os olhos e diz a ti próprio que não está ali, e quando tornares a abri-los terá desaparecido.

Verdade seja dita que o conselho não funcionara no quarto 217, quando ele tinha cinco anos, nem funcionaria ali, naquele momento. Estava ciente disso. Sentia *o cheiro* dela. O odor da decomposição.

A mulher — chamava-se senhora Massey, estava farto de saber — ergueu-se com dificuldade sobre os pés arroxeados, estendendo-lhe os braços. A carne caía-lhe, pendurada dos braços, escorrendo como gelatina. Sorria na direção dele como se tivesse avistado um velho amigo. Ou, mesmo, uma iguaria apetitosa.

Com uma calma aparente, Danny fechou a porta devagar e recuou. Ficou a ver a maçaneta rodar para a direita... para a esquerda... de novo para a direita... até que o movimento cessou.

Tinha agora oito anos e, no meio do horror, descobria-se capaz de raciocinar. Em parte, isso acontecia porque, num recanto profundo da sua mente, já esperava aquilo. Apesar de sempre ter imaginado que, mais cedo ou mais tarde, seria Horace Derwent a aparecer. Ou talvez o empregado de bar, aquele a quem o pai chamava Lloyd. No fundo, devia ter calculado que seria a senhora Massey, mesmo antes de a imagem se ter materializado. Porque, de entre os mortos-vivos que pululavam no Overlook, fora ela a pior de todos.

A parte racional da sua mente dizia-lhe que a senhora Massey não passava do fragmento de um pesadelo, que o perseguira além do sono e através da salinha até à casa de banho. A razão insistia na mesma tecla: se tornasse a abrir a porta, não encontraria a ponta de um corno ali dentro. De certeza que não aconteceria nada, agora que estava acordado. No entanto, existia outra parte dele — uma parte *iluminada* — que sustentava o oposto. Ainda não se livrara do Overlook. Um dos seus espíritos vingativos, pelo menos, seguira-lhe a pista até à Florida. Uma ocasião, deparara-se com aquela mulher esparramada na banheira. Ela conseguira sair, tentando estrangulá-lo com os dedos escorregadios (o que não os impedia de serem terrivelmente poderosos). Caso ele abrisse a porta naquele preciso segundo, a mulher terminaria o serviço.

Arriscou encostar a orelha à porta. De início, não ouviu nada. Depois, apercebeu-se de um ruído fraco, quase impercetível.

Unhas pútridas a arranhar a madeira.

Sentindo as pernas dormentes, Danny arrastou-se até à cozinha, subiu a uma cadeira e urinou no lava-loiça. A seguir, acordou a mãe e pediu-lhe que não entrasse na casa de banho porque lá dentro se escondia uma coisa má. Posto isto, regressou à cama e enfiou-se debaixo dos lençóis. A única coisa que desejava era ficar ali para sempre e só se levantar para fazer chichi no lava-loiça. Agora que já avisara a mãe, não precisava de abrir a boca.

Aquele silêncio não representava novidade para a mãe. Acontecera o mesmo depois de Danny se ter aventurado no quarto 217 do Hotel Overlook.

— Estás disposto a falar com o Dick?

Deitado na cama, ele olhou para ela e fez que sim com a cabeça. A mãe pegou no telefone e ligou a Hallorann, apesar de serem quatro da manhã.

Horas mais tarde, no dia seguinte, Dick apareceu. Trazia uma coisa com ele. Um presente.

4

Depois do telefonema da praxe para Dick — a mãe fez questão de que Danny a ouvisse —, o rapaz voltou a adormecer. Apesar de ter oito anos e andar no terceiro ano, ainda chuchava no dedo. Ver o filho naquilo fazia-lhe doer o coração. Wendy aproximou-se da casa de banho e ficou parada, a olhar para a porta. Tinha receio, por culpa de Danny, mas precisava de ir à casa de banho e não estava disposta a usar o lava-loiça, como o filho fizera. Desagradou-lhe imaginar a sua pessoa em equilíbrio na beira da bancada, com o traseiro suspenso por cima do lava-loiça de porcelana, mesmo que não houvesse ali ninguém à espreita.

Numa das mãos segurava o martelo que fora buscar à sua pequena caixa de ferramentas de viúva. Empunhou-o ao mesmo tempo que fazia girar a maçaneta, empurrando a porta. A casa de banho encontrava-se vazia, naturalmente, mas tinha o tampo da sanita para baixo. Ela nunca o deixava assim antes de se ir deitar porque sabia que, no caso de Danny usar a casa de banho a meio da noite, num estado semiadormecido, o mais provável era esquecer-se de levantar a tampa e uriná-la toda. Além do mais, notava-se um cheiro peculiar. Um fedor nauseabundo. Como se houvesse um rato morto entre as paredes.

Deu um passo em frente, depois outro. Apercebeu-se de um ligeiro movimento e girou sobre os calcanhares, de martelo em riste, pronta para acertar fosse em quem fosse

(fosse no que fosse)

que estivesse escondido atrás da porta. Mas era apenas a sua sombra. Com medo da própria sombra? Havia quem fizesse troça, mas quem tinha mais razões para se assustar do que Wendy Torrance? Depois de todas as coisas que vira e de tudo por que passara, sabia que as sombras podiam ser perigosas. Podiam ter dentes afiados.

Não estava ninguém na casa de banho, mas via-se uma mancha descolorida na tampa da sanita e outra na cortina do chuveiro. Primeiro, pensou que fossem excrementos, mas a merda não tinha aquela cor púrpura-amarelada. Olhou com mais atenção e distinguiu pedaços de carne e pele em decomposição. Existiam mais manchas no tapete da banheira, com a forma de pegadas. Pensou que eram demasiado pequenas — demasiado *delicadas* — para pertencerem a um homem.

— Oh, meu Deus! — sussurrou.

Acabou por usar a sanita, afinal de contas.

5

Com muito esforço, Wendy arrancou Danny da cama já perto do meio-dia. Conseguiu que o filho comesse umas colheradas de sopa e metade de uma sanduíche de manteiga de amendoim, mas a seguir ele voltou a deitar-se. Persistia no seu mutismo. Hallorann chegou pouco depois das cinco da tarde, ao volante do *Cadillac* vermelho, digno de colecionador mas bem conservado e reluzente como um espelho. Wendy ficara à janela, de olhos na rua e à espera, tal como fizera em tempos com o marido, na esperança de que Jack voltasse para casa de bom humor. E sóbrio, de preferência.

Correu pelas escadas abaixo e abriu a porta no preciso momento em que Dick se preparava para premir a campainha que indicava TORRANCE 2A. Ao vê-la, abriu os braços e Wendy lançou-se para a frente e abraçou-se a ele, desejando permanecer ali aninhada durante uma hora, no mínimo. Quem diz uma, diz duas.

Dick afastou-a e agarrou nela pelos ombros, mantendo-a à distância.

— Estás com excelente aspeto, Wendy. Que tal vai o nosso rapaz? Já se decidiu a falar?

— Não, mas creio que ele se abrirá contigo. Mesmo que no início não o faça em voz alta, tu poderás... — Em vez de concluir a frase, imitou uma pistola imaginária com o dedo e apontou-lha à testa.

— Não necessariamente — declarou Dick. O sorriso dele deixou a descoberto uma nova e reluzente dentadura postiça. O Overlook, por assim dizer, dera cabo da antiga, na noite em que a caldeira tinha ido pelos ares. Jack Torrance manuseava o taco de madeira que destruíra a prótese dentária de Dick e deixara Wendy incapaz de caminhar sem coxear ligeiramente, mas ambos partilhavam a convicção de que, na realidade, a culpa fora do maldito hotel.

— O poder do Danny é demasiado forte, Wendy. Se ele quiser impedir-me, arranja maneira. Sei por experiência própria. Além disso, é melhor dizermos o que temos a dizer, de viva voz. Melhor para ele, óbvio. Agora conta-me tudo o que se passou.

Depois de ter relatado o que havia para relatar, Wendy conduziu-o à casa de banho. Deixara as manchas de propósito para que ele as visse, como um polícia trataria de preservar o cenário de um crime até à chegada da equipa forense. E era preciso ver que *tinha sido* cometido um crime. Um crime contra o seu filho.

Dick examinou os resquícios durante um bom bocado, sem tocar em nada, e depois fez um gesto afirmativo com a cabeça.

— Vamos lá então ver se o Danny já está devidamente acordado.

Pelos vistos, não estava, mas o coração de Wendy ficou aliviado quando se deu conta da expressão de alegria no rosto do filho ao ver quem se encontrava sentado ao lado dele na cama, tocando-lhe no ombro.

(ei, Danny, trouxe-te um presente)

(não faço anos)

Wendy observava-os, sabendo que conversavam os dois, mas sem saber ao certo qual o assunto.

— Levanta-te, meu rapaz — disse Dick. — Vamos dar um passeio pela praia.

(Dick, ela voltou. A senhora Massey, do quarto 217, voltou)

Dick tornou a sacudi-lo pelo ombro.

— Fala alto e bom som, Dan. Estás a assustar a tua mãe.

— Qual é o meu presente? — quis saber Danny.

Dick sorriu.

— Assim está melhor. Gosto de te ouvir, e creio que acontece o mesmo com a Wendy.

— Sim. — Foi tudo o que se atreveu a dizer. Caso contrário, teriam notado o tremor na sua voz e ficariam preocupados. E ela não queria que isso acontecesse.

— Enquanto estivermos fora, talvez seja boa ideia dares uma limpeza à casa de banho — alvitrou Dick, olhando diretamente para ela. — Existem luvas de borracha nesta casa?

Wendy respondeu que sim com a cabeça.

— Ótimo. Usa-as.

6

A praia ficava a três quilómetros. O estacionamento situava-se a meio das extravagantes atrações típicas das zonas balneares — quiosques de faturas e fritos, carrinhos de cachorros-quentes, lojas de recordações —, mas, com a estação a chegar ao fim, o negócio estava fraco. Tinham a praia quase só para eles. Durante todo o trajeto desde o apartamento, Danny transportara o presente no colo: um pacote retangular, bastante pesado, embrulhado em papel prateado.

— Podes abri-lo, mas primeiro vamos conversar um bocado — informou Dick.

Caminharam à beira-mar, na zona onde a areia era compacta e reluzente. Atendendo à propecta idade de Dick, Danny seguia devagar. Qualquer dia, o amigo estaria morto. Talvez não faltasse muito.

— Tenho intenção de me aguentar por cá mais uns anitos — afirmou Dick. — Não te preocupes. Agora, conta-me o que sucedeu na noite passada. Sem esconder nada.

Danny não se perdeu em grandes conversas. O mais difícil foi encontrar palavras para descrever o terror que sentia naquele momento, e como esse terror se misturava com uma sufocante certeza:

agora que descobrira o seu rasto, nunca mais o deixaria em paz. Mas como era Dick quem ali estava, não precisava de palavras, apesar de ter encontrado o fio à meada.

— Ela voltará. Tenho a certeza. Voltará vezes sem conta até me deitar as garras.

— Lembras-te de quando nos conhecemos?

Embora surpreso com a mudança de assunto, Danny assentiu. Tinha sido Hallorann quem lhes fizera, a ele e aos pais, uma visita guiada ao Overlook, logo no primeiro dia. Acontecera tudo há uma eternidade, ou pelo menos assim parecia.

— E lembras-te da primeira vez que ouviste a minha voz dentro da tua cabeça?

— Claro que sim.

— Que foi que te disse?

— Perguntou-me se queria ir para a Florida consigo.

— Exato. E como te sentiste quando percebeste que já não estavas sozinho? Que não eras o único?

— Senti-me lindamente — respondeu Danny. — Foi bestial.

— Sim — prosseguiu Hallorann. — Aposto que foi.

Caminharam em silêncio durante um bocado. Passarinhos (piu-pius, como lhes chamava a mãe de Danny) entravam nas ondas e saíam rapidamente delas.

— Nunca estranhaste o facto de eu aparecer sempre que tu precisavas de mim? — Dick baixou os olhos para Danny e sorriu. — Não, claro que não. Por que carga de água havias de estranhar? Eras apenas um fedelho, mas agora estás crescido. *Bastante* mais crescido, num certo sentido. Ouve o que te digo, Danny. O mundo tem mecanismos próprios para manter as coisas em equilíbrio. Acredito piamente nisso. Existe um ditado que diz: quando o aluno está preparado, o professor aparece. Eu fui o teu mestre.

— Foi muito mais do que isso — retorquiu Danny, pegando-lhe na mão. — Foi meu amigo. Salvou-nos.

Dick pareceu ignorar o comentário.

— A minha avó possuía o brilho; também era iluminada. Lembras-te de eu te ter contado?

— Sim. Disse que o senhor e ela costumavam sentar-se na cozinha e conversavam os dois durante horas a fio sem sequer abrir a boca.

— Exato. E foi a *bisavó* dela quem lhe ensinou, nos velhos tempos da escravidão. Um dia, Danny, será a vez de seres tu o professor. O aluno virá.

— Se a senhora Massey não me apanhar antes — replicou o rapazinho, com um ar abatido.

Chegaram junto de um banco. Dick sentou-se.

— Não me atrevo a ir mais longe, senão depois não consigo regressar. Senta-te aqui ao pé de mim. Quero contar-te uma história.

— Não me interessa ouvir histórias — declarou Danny. — Ela voltará sempre, não entende? *Vai regressar e regressará sempre*, até ao fim dos tempos.

— Cala a boca e ouve o que te digo. Está na hora de aprenderes um par de coisas. — Dick sorriu, exibindo a radiante dentadura nova. — Acho que vais captar a ideia. De estúpido não tens nada, meu caro rapaz.

7

A mãe da mãe de Dick, que era dona e senhora do brilho, vivia em Clearwater. Era a Avó Branca. Não porque fosse de raça caucasiana, naturalmente, mas porque era *boa*. O pai do seu pai morava em Dunbrie, no Mississípi, uma comunidade rural não longe de Oxford. A mulher morrera muito antes de Dick nascer. Para um homem de cor, atendendo ao lugar e à época, podia ser considerado um homem rico. Era proprietário de uma agência funerária. Dick e os pais iam vê-lo quatro vezes por ano, e o jovem detestava aquelas visitas. A presença de Andy Hallorann aterrorizava-o, ao ponto de lhe chamar — apenas na sua própria mente, visto que expressar o pensamento em voz alta lhe teria valido uma valente sova — o Avô Negro.

— Já ouviste falar em pedófilos? — perguntou-lhe Dick. — Tipos que querem crianças para sexo?

— Mais ou menos — respondeu Danny cautelosamente. Estava farto de saber que não devia falar com estranhos, e muito menos entrar no carro de um desconhecido. Podiam fazer-lhe mal.

— Bom, o velho Andy era mais do que pedófilo. Além disso, era um sádico desgraçado.

— O que é um sádico?

— Alguém que tem prazer em infligir dor.

Acenando com um gesto de cabeça, Danny mostrou ter compreendido a mensagem.

— Como o Frankie Listrone, que andou comigo na escola. Gosta de torcer o braço e dar calduços aos outros miúdos. Se não consegue fazer-nos chorar, fica quietinho. Se consegue, *nunca* mais deixa a pessoa em paz.

— Isso é mau, mas o meu avô era pior.

Dick caiu naquilo que poderia ter sido confundido com silêncio, aos olhos de qualquer observador que por ali passasse, mas, a bem dizer, a história avançou desalmadamente na sua imaginação, desdobrando-se em imagens e frases ligadas entre si. Danny viu o Avô Negro, um sujeito alto, vestido com um fato tão escuro como a sua própria pele, usando um estranho chapéu

(*um fedora*)

na cabeça. Reparou que tinha sempre gotículas de saliva no canto da boca e os olhos avermelhados, como se estivesse extenuado ou tivesse acabado de chorar. Viu como ele pegava em Dick — mais pequeno do que Danny era agora, provavelmente da sua idade naquele inverno passado no Overlook — ao colo. Se havia gente por perto, era provável que se limitasse a fazer-lhe cócegas. Caso ficassem sós, punha a mão entre as pernas de Dick e apertava-lhe as partes ao ponto de ele pensar que ia desmaiar de dor.

— Gostaste? — perguntava-lhe o Avô Negro ao ouvido. Cheirava a cigarros e a uísque escocês *White Horse*. — Claro que sim, qual é o puto que não gosta? Mesmo que isso não aconteça, nem um pio. Se abrires a boca, estás fodido. Queimo-te todo com o cigarro.

— Livra! — observou Danny. — Que criatura nojenta!

— Havia mais coisas — prosseguiu Dick —, mas só te vou contar uma. O meu avô contratou uma empregada para dar uma ajuda na lida da casa, depois de a avó ter morrido. Uma empregada que

fazia as limpezas e cozinhava. À hora do jantar, punha a mesa servindo os pratos todos de uma vez, da salada à sobremesa, pois era assim que o velho gostava. A sobremesa era sempre bolo ou pudim. Ficava num pratinho ou num pequeno pires ao lado do prato principal para toda a gente poder olhar para o doce e cobiçá-lo, enquanto remexia com o garfo a outra mistela. A regra inflexível do avô ditava que as pessoas à mesa podiam *olhar* para a sobremesa, mas só podiam *comer* depois da última garfada de carne guisada com legumes cozidos e puré de batata. Era preciso rapar o prato, até o molho, cheio de grumos e insípido até dizer basta. Se eu deixasse um bocadinho de molho, o Avô Negro entregava-me um pedaço de pão e dizia: «Acaba lá isso, Dickie-Bird, deixa esse prato a reluzir como se tivesse sido lambido pelo cão.» Era assim que ele me chamava: Dickie-Bird.

»Havia dias em que eu não conseguia acabar tudo, por mais que me esforçasse, e ficava sem ter direito à fatia de bolo ou ao pudim da ordem. Nesse caso, ele pegava no meu prato e comia a sobremesa. Outras vezes, quando eu *conseguia* limpar o prato, o velho divertia-se a apagar a beata no bocado de bolo ou de pudim que me estava destinado. Não precisava de se esforçar muito porque ficava sempre sentado ao meu lado. A seguir, fingia que era tudo apenas um jogo. «Ups, não acertei no cinzeiro», dizia ele. Os meus pais nunca puseram travão a semelhante comportamento, embora devessem saber que, mesmo sendo uma brincadeira, não era justo fazer aquilo com uma criança. Faziam de conta que tudo não passava de uma brincadeira.

— Que injustiça — observou Danny. — Os teus pais deveriam ter-te defendido. É o que a minha mãe faz. E o meu pai também teria feito o mesmo, se fosse vivo.

— Tinham medo dele. E com razão. Andy Hallorann era um tipo ruim, do piorio. Dizia: «Vamos, Dickie, come lá, o que não mata, engorda.» Se eu desse uma garfada, mandava a Nonnie, era esse o nome da empregada, trazer-me outra sobremesa. Se não lhe obedecesse, a sobremesa ali ficava. A situação chegou ao extremo de eu nunca ser capaz de terminar uma refeição, por ter o estômago completamente às voltas.

— O que tinhas a fazer era afastar o bolo ou o pudim para o lado — referiu Danny.

— E foi o que tentei fazer, como é óbvio, não nasci estúpido. O que acontece é que ele tornava a empurrar a comida para o mesmo sítio, dizendo que a sobremesa ficava à direita. — Dick fez uma pausa, com o olhar perdido no oceano, onde uma embarcação branca de grande porte percorria lentamente a linha divisória entre o céu e o golfo do México. — Havia ocasiões, quando me apanhava sozinho, em que me mordida. Um dia, quando ameacei contar tudo ao meu pai se ele não me deixasse em paz, apagou um cigarro na sola do meu pé descalço e disse: «Conta-lhe também isto, já agora, para ver o que sucede. O teu pai conhece os meus vícios de ginjeira e nunca dirá uma palavra, porque é um cobardolas e quer o dinheiro que eu tenho no banco quando morrer, coisa que não pretendo fazer tão cedo.»

Danny ouvia aquilo de olhos muito abertos, perfeitamente fascinado. Sempre pensara na história de Barba Azul como sendo a mais aterradora de todos os tempos, a mais assustadora que alguma vez conhecera, mas aquela era pior. Porque era verdadeira.

— Volta e meia, o meu avô dizia que conhecia um homem mau como as cobras chamado Charlie Manx, e que se não lhe obedecesse, faria uma chamada interurbana para pedir a esse indivíduo que me viesse buscar no seu carro de luxo e me levasse para um sítio destinado às crianças más. A seguir, punha as mãos entre as minhas pernas e começava a apertar. «Por isso, não abras o bico, Dickie-Bird. Se disseres alguma coisa, o velho Charlie aparece por aí e ficas preso até ao fim da vida juntamente com as outras crianças que ele roubou. E quando morreres irás parar ao inferno e o teu corpo ficará ali a arder para sempre. Tudo porque deste com a língua nos dentes. Não importa se as pessoas acreditam em ti ou não. Um delator é um delator.»

»Durante muito tempo, acreditei no sacana do velho. Nem sequer contei à Avó Branca, que tinha o brilho, com medo de que ela pensasse que a culpa era minha. Se tivesse mais uns aninhos, teria percebido melhor a situação, mas não passava de um fedelho. — Fez uma pausa. Depois acrescentou: — Além disso, tinha outro motivo. Sabes qual era, Danny?

Danny estudou o rosto de Dick durante um grande bocado, sondando as imagens e os pensamentos que se escondiam por detrás da sua testa. Por fim, respondeu:

— Querias que o teu pai recebesse a herança. Mas isso nunca aconteceu.

— Não. O Avô Preto deixou o dinheiro todo a um orfanato para crianças de cor, no Alabama, e aposto que sei porquê. Mas não vem ao caso.

— Quer dizer que a tua avó nunca soube de nada? Nunca presentiu?

— Sabia que *alguma coisa* se passava, porém, eu bloqueava a coisa e ela deixava-me em paz. Limitou-se a dizer-me que estaria pronta para me ouvir, mal eu estivesse pronto para falar. Acredita, Danny: quando Andy Hallorann foi desta para melhor, devido a um derrame cerebral, senti-me o miúdo mais feliz do mundo. A minha mãe disse-me que não era obrigado a ir ao funeral, que podia ficar com a Avó Branca, mas eu queria ir. Era o meu maior desejo! Queria ter a certeza absoluta de que o velho Avô Preto tinha morrido mesmo.

»Naquele dia, estava a chover. Toda a gente ficou ali de pé, à volta da cova aberta na terra, debaixo dos guarda-chuvas. Vi o caixão, o maior e melhor da sua funerária, disso não tenho dúvidas, descer à terra, e recordei-me de todas as vezes em que ele me apertou os testículos, de todas as beatas no meu bolo e do cigarro que apagou no meu pé e do modo como ele dominava a cena à mesa de jantar, igualzinho ao velho rei louco que aparece na peça de Shakespeare. Acima de tudo, dei por mim a lembrar-me de Charlie Manx, que sem dúvida não passava de uma invenção do meu avô, e a pensar que a criatura já não poderia telefonar-lhe para que viesse buscar-me a meio da noite no seu luxuoso carro, a fim de me levar para junto dos outros meninos e meninas que raptara.

»Cheguei-me à beira da cova e espreitei a sepultura. «Deixem o rapaz olhar», pediu o meu pai, quando a minha mãe me tentou impedir. Ao ver o caixão afundado naquele buraco húmido, pensei com os meus botões: *Aí em baixo ficas dois metros mais perto do inferno, avô. Não tarda nada estás lá caído, e espero que o diabo te dê mil apertões com a mão em brasa.*

Dick enfiou a mão no bolso das calças e tirou um maço de *Marlboro* com uma caixinha de fósforos enfiada sob o celofane. Pôs

um cigarro na boca e depois viu-se obrigado a persegui-lo com o fôro porque lhe tremiam os dedos, e o mesmo acontecia com os lábios. Danny ficou espantado ao perceber que Dick tinha os olhos cheios de lágrimas.

Sabendo para onde se encaminhava a história, Danny perguntou:

— Quando foi que ele voltou?

Dick puxou uma profunda fumaça e aproveitou um breve sorriso para soltar o fumo.

— Não precisaste de espreitar o interior do meu cérebro para descobrir isso, pois não?

— Não.

— Seis meses mais tarde. Um dia cheguei a casa da escola e encontrei-o deitado na minha cama, despido, com a coisa meio putrefacta e tesa. Disse: «Anda sentar-te em cima, Dickie-Bird. Se me tratares bem, receberás o mesmo tratamento.» Desatei a gritar, mas não havia ninguém que me pudesse ouvir. Os meus pais estavam os dois no emprego, a minha mãe a trabalhar num restaurante e o meu pai na gráfica. Saí de casa a correr e bati com a porta. Ainda ouvi o Avô Preto levantar-se... *pum...* e atravessar o quarto... *pum-pumpum...* e o que ouvi a seguir...

— Unhas — rematou Danny, num fio de voz. — O som de unhas a arranhar a porta.

— Exato. Só voltei a entrar lá de noite, quando os meus pais chegaram a casa. Tinha-se ido embora, mas deixara... resquícios.

— Claro. Como aconteceu na nossa casa de banho. Porque estava em decomposição.

— Isso mesmo. Eu próprio mudei os lençóis da cama, como a minha mãe me ensinara, dois anos antes. Na altura, ela disse que eu já estava muito crescido para precisar de uma ama-seca, que as amas eram para os meninos e meninas pequenos, como aqueles de que ela tomava conta antes de começar a trabalhar como rececionista na churrascaria Berkin's Steak House. Passada uma semana, avistei o Avô Preto no parque, sentado num baloiço. Trazia o fato vestido, mas estava todo coberto de uma matéria cinzenta... devia ser o mofo que crescia lá em baixo, junto ao caixão, acho eu.